



Antologia de Ensaio

**Laboratório Colaborativo:
dinâmicas urbanas, património, artes**

IX – Seminário de investigação, ensino e difusão

Antologia de Ensaaios

LABORATORIO COLABORATIVO: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes.

IX Seminário de Investigação, Ensino e Difusão

Coordenação editorial

Paula André (DINÂMIA'CET-ISCTE /Iscte-Instituto Universitário de Lisboa)

Apoio técnico e difusão

Mariana Leite Braga (DINÂMIA'CET-ISCTE)

Edição

DINÂMIA'CET-ISCTE

Agosto de 2023

ISBN

978-989-781-810-3

Fotografia na capa

Cobogós em fachada de edifício na Superquadra Norte 306. Foto: Luiz Sarmento

Comissão Científica

Adriano Tomitão Canas (UFU/FAUED)
Ana Cristina Sousa (UP/FLUP/ CITCEM)
Ana Esteban Maluenda (UPM/ETSAM/DCA)
Ana Gabriela Godinho Lima (UPM/FAU)
Ana M. G. Albano Amora (UFRJ/LabLugares/PROARQ)
André Carneiro (CHAIA/UE; CECH/FLUC)
Bárbara Coutinho (UL/IST/ CiTUA)
Carolina Pescatori (GPHUC-PPGFAU-UnB/CNPq)
Clara Mosquera Pérez (HUM700/US)
Cláudia Costa Cabral (UFRGS)
Daniela Marzola Fialho (UFRGS/PROPUR)
Desidério Batista (UAlg, CHAIA)
Fabiana Andrade Bernardes Almeida (UFMG/IGC)
Fábio Vergara Cerqueira (UFPeI/FH)
João Alves da Cunha (UCP-CEHR)
João Branco Pedro (LNEC)
José Geraldo Simões Junior (UPM/FAU)
José Manuel Aladro Prieto (US)
Mafalda Sampayo (Iscte-IUL; ISTAR)
Maria Fernanda Derntl (GPHUC-PPGFAU-UnB/CNPq)
María Teresa Perez Cano (HUM700/US)
Miguel Reimão Costa (CEAACP/UAlg)
Nuno Lopes (U Coimbra)
Paula André (DINÂMIA'CET-ISCTE/Iscte- IUL)
Paula Ribeiro Lobo (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)
Paulo Simões Rodrigues (CHAIA/UE)
Raimundo Bambó Naya (EINA/UNIZAR)
Ruth Verde Zein (UPM/FAU)
Sérgio Barreiros Proença (*formaurbis* LAB, CIAUD/FAUL)
Sergio García-Pérez (EINA/UNIZAR)
Sofia Aleixo (CHAIA/UE; CHAM/UNL)
Tatiana Sampaio Ferraz (UFU/FAUED)

Índice

p.1

Conhecimento, Memória e Interrogação sempre!

Paula André

p.2

Um laboratório no Beijódromo

Carolina Pescatori

Danilo Matoso Macedo

Maria Fernanda Derntl

Nadia Mendes de Moura

Pedro Paulo Palazzo

Vânia Raquel Teles Loureiro

p.3

Território, cultura e resistência: o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché em Uberlândia

Mariana Cortes Dutra

Adriano Tomitão Canas

Tatiana Sampaio Ferraz

p.19

O lazer e a produção da cidade: movimentos insurgentes em Belo Horizonte MG

Gabriel Victor Martins de Campos

Adriano Tomitão Canas

Fabiana Andrade Bernardes Almeida

p.36

A Teoria do Ator-Rede no estudo histórico da sede do Itamaraty

Claudio Comas Brandão

Ana M. G. Albano Amora

p.52

A praça como elemento da cidade da arquitetura moderna. Uma comparação entre os projetos de Niemeyer e Corbusier para a ONU (1947)

Anderson Dall'Alba

Cláudia Costa Cabral

p.66

Traçando cidades: a Diretoria de Terras e Colonização e os projetos urbanos para o norte do Estado do Rio Grande do Sul - Brasil

Clarissa Maroneze Garcia

Daniela Marzola Fialho

p.79

Água e território: planejamento e dinâmicas urbanas na Bacia Hidrográfica do Lago Paranoá, Brasília – década de 1970

Cátia dos Santos Conserva

Maria Fernanda Derntl

p.97

Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza: aspectos históricos da instituição, de sua arquitetura e inserção contemporânea na cidade

Lívia Maria de Assis Moreira Siqueira

José Geraldo Simões Júnior

p.111

Uma tipologia de igrejas nos Açores. Uma particularidade de fachada na ilha de São Miguel e o estudo do seu sistema de proporção, nos séculos XVIII e XIX.

Maria Antónia Rocha Vieira

Mafalda Sampayo

João Alves da Cunha

p.132

Análisis histórico comparativo de la forma física y el uso social del espacio público de Zaragoza. Caso de estudio plaza Ariño y plaza Santa Cruz.

Marta Miret Rodríguez

Sergio García-Pérez

Raimundo Bambó Naya

p.152

Do personagem ao coletivo: mudanças operativas na arquitetura contemporânea brasileira

Mario Guidoux Gonzaga

Cláudia Costa Cabral

p.169

Casa - Museu - Casa: quando a residência moderna se torna museu

Marta Cristina F. B. Guimarães

Ana M. G. Albano Amora

p.181

Novos modos de morar: arquitetura residencial paulista nos anos 1960

Décio Otoni de Almeida

Ruth Verde Zein

p.200

Quanto vale o patrimônio? Entre a valoração econômica e a valorização sociocultural – um estudo em Porto Alegre

José Daniel Craidy Simões

Daniela Marzola Fialho

p.212

Os tetos de caixotões em conventos franciscanos no Nordeste brasileiro

Rafael Ferreira Costa

Ana Cristina Sousa

Fábio Vergera Cerqueira

p.227

As noras e a irrigação tradicional na região ocidental de Al-Hoceïma, no Rife marroquino

Hugo Martins

Nuno Lopes

Miguel Reimão Costa

p.243

As termas da villa romana da Tourega: um sítio patrimonial em risco

Ana Figo

André Carneiro

Sofia Aleixo

p.256

O Modelo Panóptico: a evolução de um ideal e adaptações ao século XXI

Joana Robalo

Sofia Aleixo

p.275

Obra de Raúl Chorão Ramalho no arquipélago da Madeira: um património a conhecer

Vanessa Costa

Sofia Aleixo

p.289

O alojamento local e a reabilitação de edifícios habitacionais em Lisboa: exploração a partir de casos na Sétima Colina

Marta Vicente

Paula André

João Branco Pedro

p.312

Da Art Déco à evangelização: a conversão dos cinemas Império e Carioca

Gustavo Borges Corrêa

Paula Ribeiro Lobo

p.334

Evolución de la noción y patrimonialización del paisaje, de Europa a Andalucía

Ainhoa Maruri Arana

María Teresa Pérez Cano

p.346

Plazas de Toros: Cultura, Tradición y Contradicciones

Aura Liliana Romero Silva

Clara Mosquera Pérez

María Teresa Pérez Cano

p.362

O apagamento da Vila Amauri e a segregação planejada em Brasília

Átila Rezende Fialho

Carolina Pescatori

p.376

“Jamais os Gregos” Uma jornada pelo universo subjetivo de Francisco Brennand

(1927-2019)

Tiago Gouveia Mariano

Paulo Simões Rodrigues

p.387

O Desenho incontornável na prevalência do gosto italiano. Colecionismo, Circulação de imagens e Tradição Académica em Portugal no séc. XVIII

Ana Cristina Machado

Paulo Simões Rodrigues

p.399

Espelho de virtudes: a narrativa do teto da igreja de São Bento (Bragança, Portugal)

Mara Raquel Rodrigues de Paula

Ana Cristina Sousa

p.416

Arquitetas e Arquiteturas em panoramas latino-Americanos: uma análise através do conteúdo projetual

Mariana Alves Barbosa

Ana Gabriela Godinho Lima

p.432

Elementos Historiográficos Estruturantes. O sujeito que posiciona e os balizadores numéricos que movimentam sete narrativas da história da arquitetura

Taís de Carvalho Ossani

Ruth Verde Zein

Ana Esteban Maluenda

p.448

Contributo para o estudo dos sistemas de regadio históricos da Campina – Faro, Olhão e Loulé

Filipe Lacerda Neto

Desidério Batista

Miguel Reimão Costa

p.463

Tecnologias Digitais para Difusão e Preservação do Patrimônio Arquitetônico – A experiência modernista do CTA- Centro Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos, Brasil.

Fábio de Almeida

José Geraldo Simões Junior

p.476

Augusto Roquemont, 1804-1852. Os retratos de poder e o poder do retrato.

Ana Paula Bandeira Morais

Paulo Simões Rodrigues

p.487

Ínsula Cova do Vapor. Construir o limite e habitar a ilha.

Maria Inês Franco

Sérgio Barreiros Proença

p.515

E Depois da Metamorfose: O Tempo e a Durabilidade Cultural na Arquitectura.

Carolina Claro

Bárbara Coutinho

p.523

À descoberta do Espaço: Estudo do Espaço Arquitetónico a partir da Pintura de Vieira da Silva

Matilde Aleixo

Bárbara Coutinho

p.535

Notas Curriculares

Conhecimento, Memória e Interrogação sempre!

Erguemos a bandeira do filósofo Manuel Cruz (1951-) para defender que o conhecimento do passado deveria ser um direito e para lembrar que no ano em que celebramos os 100 anos da Exposição e Semana da Bauhaus de Weimar (1923-2023), pelo mundo, vários encontros pensam em conjunto o futuro da arquitectura, a coesão social, a sustentabilidade e o ambiente construído.

O 28º Congresso Mundial de Arquitectos, sob o lema *Sustainable Futures. Leave no one behind*, assume a arquitectura como ferramenta operativa para alcançar os 17 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, lançando luz sobre o potencial da arquitectura para moldar sociedades melhores e contribuir para um futuro sustentável.

A 5ª edição da Bienal de Arquitectura de Chicago, intitulada *This is a Rehearsal*, potencia as questões ambientais, políticas e económicas, numa abordagem que agregue a arte, a arquitectura, a infraestrutura e a participação cívica, com o propósito de pensar o futuro da arquitectura e do design.

Reunindo a arquitectura da Asia Ocidental, da Asia Meridional e de África, a 2ª edição da Trienal de Arquitectura de Sharjah, tendo como tema *The Beauty of Impermanence: An Architecture of Adaptability*, explora as ligações entre a escassez, a criatividade, o desenho e o modo como os desafios do Sul Global criaram uma cultura de reutilização, reapropriação, inovação, colaboração e adaptação.

Numa sociedade que despreza os saberes que não produzem benefício económico, o filósofo Nuccio Ordine (1958-), defensor da necessidade de perseguir utopias para imaginar, pensar e alcançar um mundo melhor, alerta que uma sociedade desmemoriada, sem relação com o seu passado, é uma sociedade que não terá democracia, considerando que a memória é essencial para compreender o presente e prever o futuro.

Acreditando tal como o escritor Theodor Kallifatides (1938-) que a cultura é a única maneira de criar um verdadeiro entendimento entre os seres humanos, em conjunto vamos interrogar futuros possíveis!

Paula André

Um laboratório no Beijódromo

Em sua nona edição, o Seminário de investigação, ensino e difusão do Laboratório Colaborativo já se consolidou como evento internacional de apresentação e compartilhamento de pesquisas de pós-graduação realizadas no universo iberoamericano e mais além. O formato do evento privilegia os momentos de interlocução e debate, justamente os mais necessários para que as pesquisas em andamento sejam não só esclarecidas ou explicadas, mas também desafiadas por novas questões ou inusitadas interpretações. Face a esse propósito de ensejar produtivos diálogos, é oportuno que o evento se realize no Brasil, num momento em que o país busca reconstruir suas esferas de convivência coletiva e retomar investimentos nas áreas de Ciência e Educação.

O local do evento é também por si só significativo: o Memorial Darcy Ribeiro, onde estão o acervo e a biblioteca do multifacetado antropólogo, educador, escritor e pesquisador que idealizou a Universidade de Brasília. O Memorial é um edifício feito de peças metálicas prefabricadas e toma forma de uma casa indígena, numa síntese entre alta tecnologia e referência autóctone. Projetado em 1996 pelo arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, e inaugurado em 2010, o Memorial Darcy Ribeiro está voltado para o Lago Paranoá, permitindo vislumbrar um dos mais importantes atributos da composição da cidade: seu horizonte amplo e aberto. Ao se inserir no parque arquitetônico da Universidade, a obra de Lelé agrega a esse espaço um lugar de encontros e interações, daí a divertida alcunha pela qual é conhecido: Beijódromo.

A organização desta edição do Seminário do Laboratório Colaborativo é parte de um esforço coletivo em prol das atividades de internacionalização do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Nas últimas décadas, Brasil e Portugal foram parceiros de diversos encontros e iniciativas de colaboração científica, mas este Seminário é ímpar em seu formato e sua inserção temática. Esta edição almeja, enfim, ser uma contribuição para essa trajetória de construção e consolidação de redes de colaboração transnacionais, plurais e diversas.

Carolina Pescatori
Danilo Matoso Macedo
Maria Fernanda Derntl
Nadia Mendes de Moura
Pedro Paulo Palazzo
Vânia Raquel Teles Loureiro

As termas da *villa* romana da Tourega: um sítio patrimonial em risco

Ana Figo

Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora

acdfigo@gmail.com

André Carneiro

Departamento de História da Universidade de Évora; CHAIA/UÉ; CECH/FLUC

ampc@uevora.pt

Sofia Aleixo

CHAIA/IHC-CEHCi/DArq, EArtes, Universidade de Évora

CHAM-SLHI, FCSH – Universidade Nova de Lisboa

saleixo@uevora.pt

Resumo: O tema de investigação que aqui se apresenta surge no âmbito de uma dissertação de mestrado em curso que utiliza o complexo termal da *villa* romana da Tourega, localizada no concelho e distrito de Évora, e classificada como Sítio de Interesse Público desde 2012, para argumentar sobre o seu valor patrimonial. Com proximidade à rede viária romana, uma adequada e privilegiada implantação em termos da paisagem envolvente e recursos, e com uma dimensão significativa, as termas da Tourega suscitam a ideia de existência de uma antiga *villa* com grande potencial produtivo. Habitada, no séc. III d.C., por uma família com cargos profissionais diretamente relacionados com o Senado Romano, esta seria uma *villa* particularmente relevante, destacando-se pela sua importância e emanando através das suas paredes, dos seus mosaicos e de toda a sua arquitetura o poder económico que existiria. Com base nestes aspetos, apresentam-se considerações acerca da importância destas ruínas e o seu estado de conservação, argumentando-se a necessidade da salvaguarda dos seus valores patrimoniais.

Palavras-chave: Termas, Romano, Tourega, Património, Salvaguarda

Introdução

A presente investigação apresenta as ruínas do complexo termal da *villa* romana da Tourega, um relevante testemunho do património histórico, arqueológico e arquitetónico do concelho de Évora. Pretende-se argumentar sobre o valor patrimonial destas ruínas, explorando os conceitos de valor patrimonial em sítios arqueológicos. Com base na descrição da investigação que foi desenvolvida sobre a *villa* até aos dias de hoje, procuram-se explorar ideias relacionadas com o potencial deste sítio na sua época, enquanto elemento de uma paisagem envolvente. Por fim, propõe-se uma reflexão sobre o seu estado atual de conservação e sugere-se a posterior sensibilização para a salvaguarda deste sítio romano. Para isso, irão ser abordados e desenvolvidos conceitos como o valor histórico e patrimonial, princípios de salvaguarda e conservação do património, e defendida a aplicação dessas ideias como necessária para a preservação deste sítio para as gerações futuras.

Enquadramento geográfico, morfológico e geológico do local

A *villa* romana da Tourega fica situada na União de Freguesias de Nossa Senhora da Tourega e Nossa Senhora de Guadalupe, no concelho e distrito de Évora. A 15km para oeste da sede do concelho, este sítio encontra-se próximo da E.N. 380, que liga Évora a Alcáçovas. De acordo com a Carta Militar de Portugal de 1976, o complexo localiza-se nas seguintes coordenadas – N 38°30'7,0261" \ W 8°1'41,91324" (sistema WGS86, formato GMS) (ver Figura 1).



Figura 1 - Localização da *villa* romana da Tourega (asterisco vermelho). Fonte: Carta Militar Portuguesa, folha 459, escala 1:25 000.

Com base nas *Memórias Paroquiais de 1758* é possível enquadrar a freguesia de Nossa Senhora da Tourega relativamente às suas freguesias vizinhas, sendo que da parte do “Nascente tem a freguezia da Sé de Évora (...)”, da parte do Norte a freguesia de S. Matias, a Poente “Ihe ficão a freguezia de Nossa Senhora da Boa Fé e a de S. Brissos (...)”¹, a Sul a freguesia de São Brás do Regedouro e a Sudeste a vila de Aguiar e S. Marcos da Abóbada. O orago desta freguesia é Nossa Senhora da Assunção de Tourega, nome que, segundo *Memórias Paroquiais*, surgiu através da existência de uma suposta antiga cidade que se situava na atual freguesia da Tourega e que teria como designação Tourigia, sendo que, à altura das *Memórias*, o local se chamaria Ourega².

Situada na antiga *Ebora Liberalitas Iulia* (atual cidade de Évora), junto a uma via romana que tinha como destino *Salacia* (Alcácer do Sal) e a 5km de outra via romana em direção a *Pax Iulia* (atual Beja), esta *villa* demonstra proximidade a importantes vias de comunicação, entendendo-se assim como em posição estratégica face a transporte e acessibilidades. Relativamente à via *Ebora-Salacia*, Francisco Bilou afirma que, através de uma linha reta “entre Évora e a zona do marco miliário ereto” seria possível constatar que “o alinhamento da via não estava “refém” da *villa* romana da Tourega e que uma boa parte do percurso não se situaria sobre a atual estrada de Alcáçovas, mas algures entre as herdades do Barrocal e Monte das Flores”³. Tal como outras *villae* romanas do território português, e seguindo os cânones clássicos, a *villa* encontra-se “instalada num ponto ligeiramente elevado em relação aos campos circundantes e perto dum curso de água (...)”⁴.

Sobre o contexto geológico, a fim de enquadrar de modo integral o sítio, a freguesia de Nossa Senhora da Tourega encontra-se localizada numa área onde predomina o quartzodiorito e granodiorito de grão médio, não porfiroide, uma rocha eruptiva de idade hercínica. Do mesmo período geológico, existem três pequenas manchas de gabro e diorito, uma a noroeste, com o topónimo Cabanas, e a sudoeste, perto da ribeira de Valverde e da linha férrea do Tojal, onde se regista também uma nascente. Para além destas características, existe igualmente alguma presença de rochas filonianas. Entre a ribeira de Valverde e a Estrada Nacional localizam-se depósitos de cascalheiras, do período Cenozóico (ver Figura 2).

¹ GRILO, Maria Ludovina - O Concelho de Évora nas Memórias Paroquiais de 1758 (Conclusão). **A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal**. Évora: Câmara Municipal de Évora. II Série, n.º 1 (1994-1995), p. 111.

² GRILO, Maria Ludovina - O Concelho de Évora nas Memórias Paroquiais de 1758 (Conclusão). **A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal**. Évora: Câmara Municipal de Évora. II Série, n.º 1 (1994-1995), p. 112.

³ BILOU, Francisco – **O Sistema Viário Antigo na Região de Évora**, Lisboa: Editor Fernando Mão de Ferro, 1960, p. 45.

⁴ PINTO, Inês Vaz, VIEGAS, Catarina, DIAS, Luísa - *A villa romana da Tourega: umas termas em ambiente rural. Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora / Divisão Cultural e Desportiva (1997), p. 73.

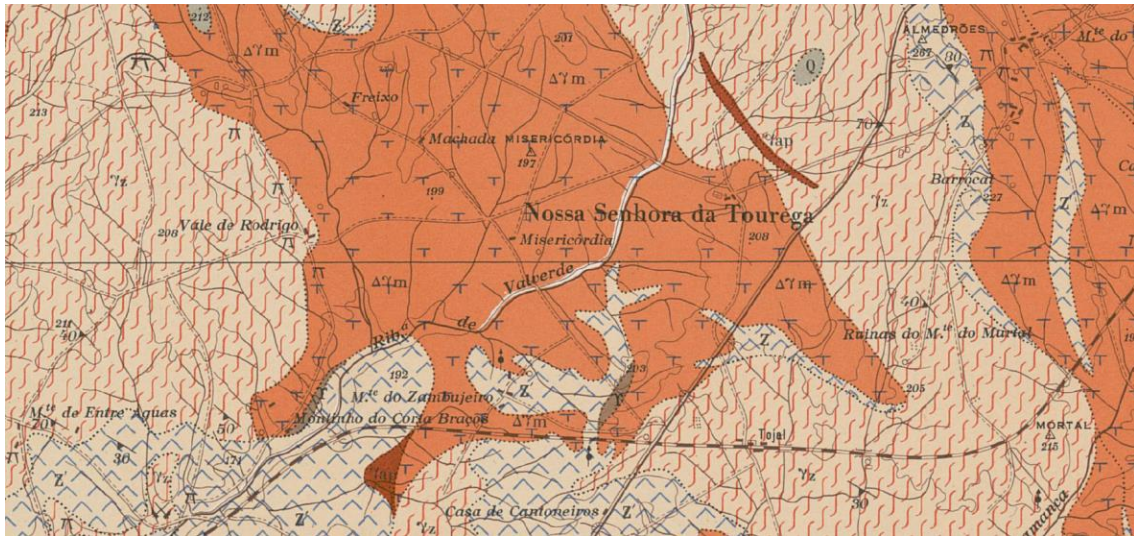


Figura 2 - Secção da zona de Nossa Senhora da Tourega. Fonte: Carta Geológica de Portugal, Folha 40-A, escala 1:50 000.

A rede hídrica tem um papel significativo para a implantação de termas. De facto, situada numa posição de cabeceira da bacia hidrográfica do rio Sado, a paisagem envolvente de Valverde é “drenada por uma rede hídrica do tipo dendrítico e de orientação Norte-Sul (...) [sendo que] os dois cursos de água principais, as ribeiras de Valverde e de Peramanca, apresentam caudal significativo, embora irregular”⁵, brotando toda uma vegetação ripícola ao longo destes troços hídricos.

Outro aspeto importante na interpretação do espaço e da paisagem da Tourega será o seu potencial agrícola, diretamente relacionado com o interesse romano na escolha de solos com boa aptidão para produção. Segundo *Memórias Paroquiais*, esta freguesia produzia com abundância “senteio, trigo e cevada, azeite (...)”⁶, sendo que todas as herdades seriam de boas pastagens. Para além desse facto, os solos desta área teriam também produções de vinho, nomeadamente nas quintas “que são Barrochal, Pomarinho, Valverde, da Ponta e das Almas (...)”, tanto que o Barrocal “só por si [daria] mais que nas outras todas desta freguesia”⁷.

Contextualização patrimonial da zona envolvente

A arqueologia neste território é conhecida há muito tempo, existindo referências desde o século XVI que comprovam os vários testemunhos deixados nesta freguesia e na sua envolvente. Desde os tempos pré-históricos com as antas do Barrocal e a Anta Grande do Zambujeiro, até à Época Moderna, passando pelo notável período romano, onde se destacam os vestígios do complexo termal da *villa* romana da Tourega, conhecidas antigamente como “as Martas” - “(...) mostram que foram antigamente lagos ou tanques

⁵ MASCARENHAS, José Manuel, BARATA, Filipe Themudo - **Preservando a Memória do Território, o parque cultural de Tourega/Valverde**. Évora: CEEM, 2002.

⁶ GRILLO, Maria Ludovina - O Concelho de Évora nas Memórias Paroquiais de 1758 (Conclusão). **A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal**. Évora: Câmara Municipal de Évora. II Série, n.º 1 (1994-1995), p. 117.

⁷ GRILLO, Maria Ludovina - O Concelho de Évora nas Memórias Paroquiais de 1758 (Conclusão). **A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal**. Évora: Câmara Municipal de Évora. II Série, n.º 1 (1994-1995), p. 117.

de banhos que uzavão os romanos (...)”⁸ -, a presença e fixação de populações foi sempre uma constante no território envolvente da *villa*.

A Igreja de Nossa Senhora da Assunção da Tourega constitui um dos elementos patrimoniais que se encontra mais próximo dos vestígios do complexo termal da *villa*, tendo sido o local onde foi encontrada, no séc. XVI por André de Resende, uma pedra tumular datada do século III d.C. que acabou por ser relacionada com a vivência da família de Quinto Júlio Máximo na *villa* romana, segundo interpretação da equipa arqueológica que escavou no local na década de 80 e 90 do séc. XX: “a *villa* romana pertenceu, nessa época e durante um período indeterminado, a uma família de ordem senatorial”⁹. Esta é uma igreja de planta retangular, com uma só nave e associada a outras edificações que atualmente são utilizadas como habitação particular. A arquitetura é bastante modesta, ainda assim destacam-se elementos como a portada de granito com uma inscrição de estilo renascença-popular (século XVI); a capela batismal, com uma pia de mármore (século XVI); o púlpito circular, de mármore (século XVII); e a capela-mor. Segundo descrição em *Memórias Paroquiais de 1758*¹⁰, é interessante observar que a imagem de Santa Comba se encontra no interior desta igreja, estabelecendo a possibilidade de ligação entre a Igreja e a Ermida de Santa Comba, que se encontra a poucos metros de distância. Importa igualmente referir que nesta igreja se encontraram alguns elementos que se poderão identificar como de época romana, podendo ter uma conexão direta com os vestígios da *villa* romana da Tourega, sendo eles “(...) treze colunas de pedra parda [granito?] e algumas de mármore com suas bases e capitéis que se diz forão dezenterradas deste sítio como tãobem huma pedra de mármore enforma de campa de sepultura, de que faz menção do P. Rezende (...)”¹¹.

A cerca de 300 metros da Igreja de Nossa Senhora da Assunção para o lado nascente estão as ruínas da Ermida de Santa Comba, mártir do Agiológio Lusitano juntamente com a sua irmã Anominata (séc. IV), que a tradição sacrificou neste sítio no ano 303 da era cristã, durante o governo do imperador Diocleciano. O pequeno edifício, voltado para oeste, apresenta afinidades barrocas e deve remontar aos finais do séc. XVI ou primórdios do imediato. É todo de alvenaria e apresenta, no frontispício e embebida na parede, uma cruz, a caveira e duas tíbias. Da visita ao local, complementando uma notícia manuscrita da Freguesia da Tourega de 1736¹², é possível acrescentar que as janelas teriam grades de ferro e que na perspetiva de entrada se veria “o altar e a imagem da gloriosa Santa Comba”¹³ revestida de ouro e com o seu diadema de prata, colocada num nicho protegido

⁸ GRILO, Maria Ludovina - O Concelho de Évora nas Memórias Paroquiais de 1758 (Conclusão). **A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal**. Évora: Câmara Municipal de Évora. II Série, n.º 1 (1994-1995), p. 113.

⁹ PINTO, Inês Vaz, VIEGAS, Catarina, DIAS, Luísa - A *villa* romana da Tourega: umas termas em ambiente rural. **Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora**. Évora: Câmara Municipal de Évora / Divisão Cultural e Desportiva (1997), p. 74.

¹⁰ GRILO, Maria Ludovina - O Concelho de Évora nas Memórias Paroquiais de 1758 (Conclusão). **A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal**. Évora: Câmara Municipal de Évora. II Série, n.º 1 (1994-1995).

¹¹ GRILO, Maria Ludovina - O Concelho de Évora nas Memórias Paroquiais de 1758 (Conclusão). **A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal**. Évora: Câmara Municipal de Évora. II Série, n.º 1 (1994-1995), p. 112.

¹² MANISOLA – **Notícia da Freguesia da Assumpção de Tourega, Termo de Évora, seu Distrito, e de tudo o mais que nele se contem**, Livraria de Manisola, 1736.

¹³ MANISOLA – **Notícia da Freguesia da Assumpção de Tourega, Termo de Évora, seu Distrito, e de tudo o mais que nele se contem**, Livraria de Manisola, 1736.

com vidro. Temos, por fim, referência de que existiria aqui um culto de romaria, e que já no século XVIII a Ermida se encontrava diminuta.

A poucos metros da Ermida de Santa Comba, encontra-se a Fonte de Santa Comba, descoberta, segundo *Memórias Paroquiais*, no ano de 1704 por “hum pobre romeiro que veyo visitar a Santa Comba”¹⁴. Este romeiro terá reparado num pequeno charco que se conservava por algum tempo. Devido às especiais propriedades daquela água – “levango agoa a varios doentes, forão evidentes os seus milagres (...)”¹⁵ – a devoção daquela fonte e Santa foram renovadas, o culto a Santa Comba e a romaria intensificou-se. À data das *Memórias Paroquiais* já estaria construída uma fonte no local onde o romeiro tinha descoberto o pequeno charco.

Segundo tradição lendária, a água desta fonte terá as suas propriedades milagrosas (curativas, sobretudo de doenças dos olhos) relacionadas com a morte de duas mártires, Santa Comba e sua irmã Anominata, que teriam sido degoladas pelo pretor das Espanhas, Daciano¹⁶, no século IV no exato local onde a fonte surgiu, o que justificará designar também este local como Cova dos Mártires¹⁷. Para além da Fonte de Santa Comba, encontra-se referência de outra fonte, que seria a “Fonte de Santa Innominata”¹⁸, ou seja, a Fonte de Santa Anominata ou Anonimata (?), irmã de Santa Comba. Esta fonte estaria a duzentos passos a norte da *villa* romana da Tourega e seria sempre perene. Sobre este elemento encontra-se escassa informação, sendo que Leite de Vasconcelos, ao transcrever o manuscrito de 1736¹⁹, descreve que esta fonte teria água que lhe vinha por um cano subterrâneo e correria “em um âmbito de feitio de fonte quadrado, e feitio de pedras de cantaria, estão já da agua carcomidas, para mostrar a sua antiguidade”²⁰. Leite de Vasconcelos afirma também que a Fonte de Santa Comba e a Fonte de Santa Anominata seriam “sagradas para os Romanos, e que o Christianismo as santificou também, relacionando-as de mais a mais uma com a outra”²¹.

Para além da existência da Anta Grande do Zambujeiro (uma das maiores da Península Ibérica) em Valverde, podem-se observar mais antas ao longo da herdade da Mitra e, inclusive, na herdade do Barrocal, a poucos quilómetros da *villa*, do lado oposto da estrada com destino a Alcáçovas. A quantidade e diversidade de monumentos aqui referidos, mesmo que fazendo parte de uma amostra do que existe a nível patrimonial na zona envolvente da *villa*, representam um potencial significativo em termos de

¹⁴ GRILO, Maria Ludovina - O Concelho de Évora nas Memórias Paroquiais de 1758 (Conclusão). **A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal**. Évora: Câmara Municipal de Évora. II Série, n.º 1 (1994-1995), p. 113.

¹⁵ GRILO, Maria Ludovina - O Concelho de Évora nas Memórias Paroquiais de 1758 (Conclusão). **A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal**. Évora: Câmara Municipal de Évora. II Série, n.º 1 (1994-1995), p. 113.

¹⁶ PEREIRA, Gabriel - **Estudos eborenses**, II vol., 2ª edição, Évora: Edições Nazareth, 1948, pp. 311-312.

¹⁷ Junta de Freguesia Nossa Senhora da Tourega - *N. Sr. da Tourega* [consult. Fev. 2023]. Disponível em <<http://www.evora.net/jfnstourega/historial.htm>>.

¹⁸ GRILO, Maria Ludovina - O Concelho de Évora nas Memórias Paroquiais de 1758 (Conclusão). **A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal**. Évora: Câmara Municipal de Évora. II Série, n.º 1 (1994-1995), p. 113.

¹⁹ MANISOLA – **Notícia da Freguesia da Assumpção de Tourega, Termo de Évora, seu Distrito, e de tudo o mais que nele se contem**, Livraria de Manisola, 1736.

²⁰ VASCONCELOS, J. Leite de - Excursão archeologica ao Sul de Portugal – Alcacer e arredores – Torrão – Alcáçovas – Evora e vizinhanças. **O Arqueólogo Português**. 1ª série, vol. IV (1898), p. 133.

²¹ VASCONCELOS, J. Leite de - Excursão archeologica ao Sul de Portugal – Alcacer e arredores – Torrão – Alcáçovas – Evora e vizinhanças. **O Arqueólogo Português**. 1ª série, vol. IV (1898), p. 133.

património, em termos culturais e conseqüentemente em termos turísticos para esta freguesia. Esta relação e importância do património romano entre a freguesia de Nossa Senhora da Tourega, a freguesia de Valverde e a cidade de Évora, que foi cidade romana e se encontra classificada pela UNESCO como Património da Humanidade, exige sentido de responsabilidade de gestão patrimonial por parte da administração da cidade relativamente à preservação dos vestígios do passado.

As termas da villa

Apesar do complexo termal da *villa* romana da Tourega ter sido colocado a descoberto a partir do século XX, em séculos anteriores os seus vestígios despertavam já a atenção de alguns entusiastas da História, da Arqueologia e das Antiguidades, que acabaram por se tornar nos primeiros indivíduos a estudar a *villa* e toda a sua envolvência. Por isso, há que destacar a influência dos apontamentos de André de Resende, conhecido Humanista português e autor da descoberta, no séc. XVI, da inscrição tumular que refere uma alegada família proprietária da *villa* no séc. III; Manuel Severim de Faria, Cunha Rivara, José Leite de Vasconcelos, Gabriel Pereira, e Padre Manuel Fialho, escritor de obras sobre a cidade de Évora, sempre interessado pela arqueologia. As notas e referências destes autores contribuíram para uma identificação e descrição inicial do sítio, antes do mesmo ter sido estudado de modo aprofundado.

Embora na primeira metade do século XVI a sede da freguesia da Tourega tenha sido mudada para a aldeia de Valverde, a população continuou a enterrar os seus mortos no cemitério da Tourega, “razão pela qual se sentiu necessidade, nos anos 80, de o alargar”²². A proximidade das ruínas desta *villa* com o cemitério resultou no início de uma intervenção arqueológica de emergência em 1985, tendo continuidade em 1986 e 1987, acabando por demonstrar a importância deste sítio arqueológico. Segundo o relatório da equipa responsável pelas campanhas de escavação²³, quando foi decidido que não se alargaria o cemitério da Tourega, iniciou-se então o *Projeto de Investigação da Villa Romana da Tourega* da Universidade Lusíada²⁴. No âmbito deste projeto realizaram-se escavações anuais desde 1988 até ao ano de 1996, sendo financiadas pelo antigo Instituto Português do Património Arquitetónico (atual Direção Geral do Património Cultural), pela Universidade Lusíada e pela Fundação Calouste Gulbenkian e tendo como responsáveis Maria Luísa Ferrer Dias, Inês Vaz Pinto e Catarina Viegas, com o apoio logístico da Câmara Municipal de Évora e da Junta de Freguesia de Nossa Senhora da Tourega.

As campanhas de escavação arqueológica desenvolvidas entre 1985-1996 permitiram concluir que as primeiras estruturas do complexo termal datam de meados do séc. I d.C., mantendo-se a sua atividade e ocupação até finais do séc. IV d.C.²⁵. Foram colocados a descoberto cerca de 450m² de um complexo termal aparentemente duplo construído em

²² PINTO, Inês Vaz, VIEGAS, Catarina, DIAS, Luísa - A *villa* romana da Tourega: umas termas em ambiente rural. **Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora**. Évora: Câmara Municipal de Évora / Divisão Cultural e Desportiva (1997), p. 73.

²³ PINTO, Inês Vaz, VIEGAS, Catarina, DIAS, Luísa - A *villa* romana da Tourega: umas termas em ambiente rural. **Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora**. Évora: Câmara Municipal de Évora / Divisão Cultural e Desportiva (1997).

²⁴ Portal do Arqueólogo - *Villa Romana da Tourega* [consult. Fev. 2023]. Disponível em <<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57789>>.

²⁵ MASCARENHAS, José Manuel, BARATA, Filipe Themudo - **Preservando a Memória do Território, o parque cultural de Tourega/Valverde**. Évora: CEEM, 2002, p. 49.

três fases diferentes (ver Figura 3). Esta campanha tornou esta *villa* numa das únicas (se não a única) *villa* que se encontra a descoberto no concelho de Évora.



Figura 3 - Faseamento da construção das termas (1- 1ª fase; 2- 2ª fase; 3- 3ª fase). Fonte: PINTO, Inês Vaz, VIEGAS, Catarina, *As termas da villa romana da Tourega (Évora, Portugal)*, 2000.

Estado atual de conservação

No ano 1996 surgiram os primeiros sinais de interesse em ações de divulgação desta estação arqueológica, com a sua inclusão no Programa LIFE, Projeto “O homem, o Património, o desenvolvimento e o ambiente”, onde se elaboraria um projeto de musealização do complexo termal, com visita aberta ao público e integração em rotas arqueológicas, resultando na colocação de estruturas metálicas de circulação e painéis informativos. No mesmo ano existe registo de duas campanhas intensivas de restauro e conservação de estruturas degradadas no âmbito do mesmo programa, onde se efetuou a limpeza e desmatação da área escavada, a consolidação de estruturas e pavimento, reconstrução e restauro das estruturas, e a conceção de um sistema de drenagem para evitar a concentração de águas pluviais no interior das estruturas. Desde o ano 1996 até ao presente ano, este complexo não sofreu nenhuma outra ação de conservação e restauro, encontrando-se em progressiva degradação e caindo no esquecimento da comunidade, científica, local e internacional.

Após comparação entre registos fotográficos incluídos no Portal do Arqueólogo (sem data) e registos de autoria própria entre os anos de 2020 e 2023, é possível notar, para além do iminente risco de ruína das estruturas, as possíveis ameaças de que este bem patrimonial está constantemente a ser alvo (ver Figura 4). Além do fator climático, a falta de manutenção e restauro de argamassas que se encontram frágeis, constitui um elemento indutor da ruína pela sua exposição a elementos erosivos. O crescimento de vegetação infestante ao longo de todo o complexo termal, incluindo árvores de grandes dimensões, contribui para a progressiva desintegração das estruturas. Outra das ameaças será a presença de gado dentro da zona cercada, possibilitando a sua circulação em redor e por cima das estruturas. Estes vários fatores têm causado fissuras ou até mesmo a derrocada de alguns elementos estruturais em todo o complexo, tornando a *villa* romana da Tourega um local de aparente abandono e de difícil interpretação e compreensão de todo o espaço. A degradação deste local tem avançado a um ritmo elevado, facto observável em regulares visitas de campo num espaço inferior a um ano.

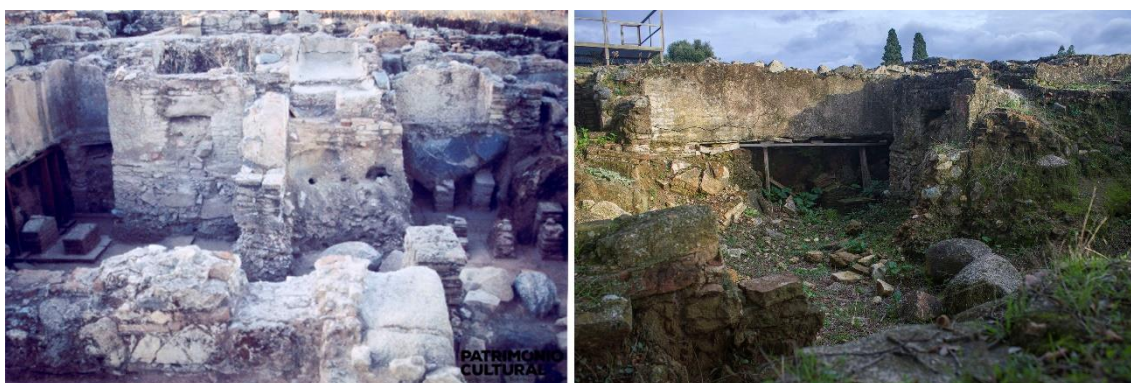


Figura 4 - Comparação entre registos fotográficos da mesma zona, perspetivas diferentes. 1ª imagem: Autoria da DGPC, sem data; 2ª imagem: Ana Figo, 2020.

Salvaguarda: valores em causa

Este é um complexo termal pertencente a uma antiga *villa* romana que, dada a sua proximidade a importantes vias romanas e a sua implementação em paisagem ideal segundo cânones clássicos - numa ligeira elevação da paisagem, perto de recursos hídricos e localizada em solos de boa aptidão agrícola -, seleciona uma localização estratégica. Para além desse fator, as suas características arquitetónicas - apresentando uma elaborada planta termal, existência de decoração em mosaicos e utilização de mármore - testemunham a beleza e poder económico que os proprietários da *villa* teriam, de acordo com os seus cargos de relevância (conforme pedra tumular de época romana encontrada nas imediações²⁶).

Para além de fatores internos à importância da *villa* romana da Tourega como elemento isolado, vale a pena sublinhar igualmente a proximidade que este sítio estabelece com uma diversidade de outros elementos do património, encontrando-se nas suas imediações a Igreja de Nossa Senhora da Assunção da Tourega, a Ermida de Santa Comba, a Fonte de Santa Comba e de Anominata, ruínas identificadas como um antigo Paço, e antas do Barrocal.

²⁶ Segundo transcrição de José Leite de Vasconcelos (1898), a família aqui descrita seria formada pelo pai, Quinto Júlio Máximo, questor da província de Sicília, tribuno da plebe, legado da província narbonense e nomeado pretor; os seus filhos, quadrúviro encarregues das estradas; e a mãe e mulher de família, Calpúrnia Sabina, que teria mandado fazer esta inscrição em honra do marido e filhos.

A fim de reconhecer o valor do sítio, foi publicado em Diário da República, a dezembro de 2012, a classificação da *villa* romana de Nossa Senhora da Tourega como Sítio de Interesse Público, sendo definida uma zona especial de proteção (ZEP) com, inclusive, uma zona *non aedificandi*, devido “ao valor estético e técnico intrínseco do bem, à sua conceção arquitetónica, urbanística e paisagística, à sua extensão e ao que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva, à sua importância do ponto de vista da investigação histórica e científica”²⁷. Conforme se pode ler, a delimitação desta ZEP “visa garantir a preservação das ruínas arqueológicas da *villa* romana, a salvaguarda de áreas de elevado potencial arqueológico localizadas na envolvente e, ainda, a proteção de um importante conjunto de elementos patrimoniais associados ao sítio”²⁸. Ainda assim, tanto quanto se sabe, a partir desse ano nada se fez para se contribuir para a conservação e salvaguarda da *villa*.

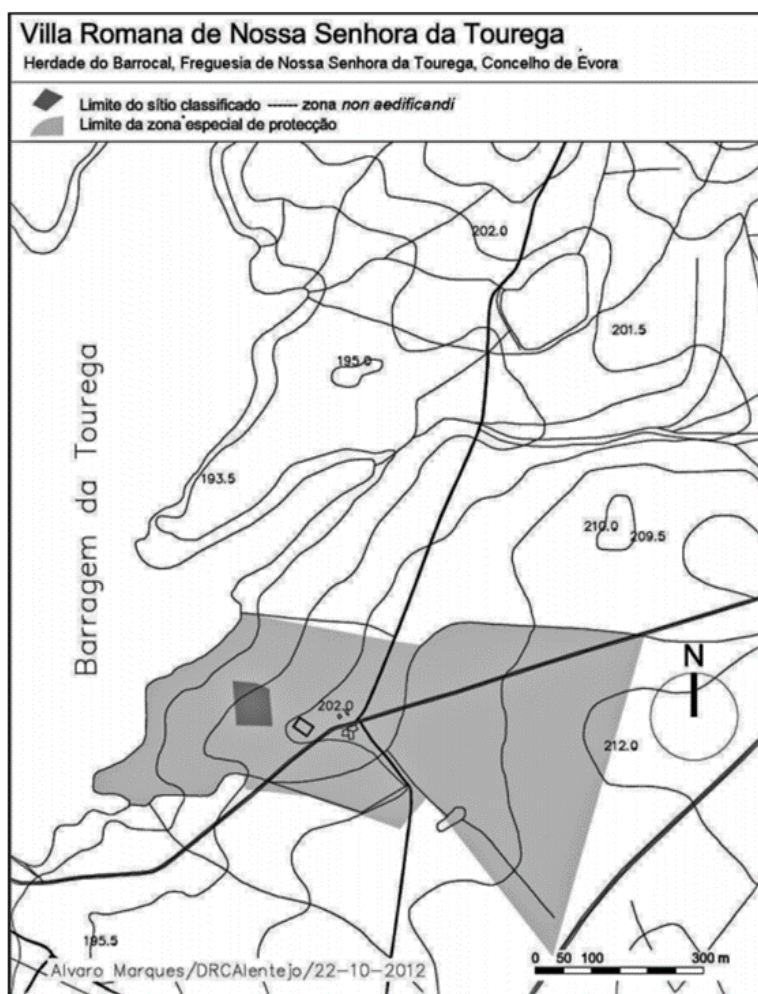


Figura 5 - Delimitação da ZEP e da zona *non aedificandi*. Fonte: Diário da República, 2.ª série – N.º 248 – Portaria n.º 740-CR/2012, de 24 de dezembro.

Segundo Direção Geral do Património Cultural²⁹, o Património Arqueológico é considerado Património Nacional dado que os seus testemunhos têm “valor de civilização ou de cultura, [são] portadores de interesse cultural relevante e refletem valores de

²⁷ Diário da República, 2.ª série – N.º 248 – Portaria n.º 740-CR/2012, de 24 de dezembro, p. 67.

²⁸ Diário da República, 2.ª série – N.º 248 – Portaria n.º 740-CR/2012, de 24 de dezembro, p. 67.

²⁹ DGPC – *Património Arqueológico*, [consult. Junho. 2023]. Disponível em <<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/patrimonio-arqueologico/>>.

memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade (...)”³⁰. Estando a *villa* romana da Tourega classificada como Sítio de Interesse Público com base nos valores estipulados em Diário da República, e estando igualmente incluída na lista de Património Arqueológico da Direção Geral do Património Cultural, depreende-se que constitui um testemunho reconhecido pelos seus valores intrínsecos: “1 – Entende-se por classificação o acto final do procedimento administrativo mediante o qual se determina que certo bem possui um inestimável valor cultural”³¹. Assim, os fatores anteriormente enumerados acerca da *villa* e da sua envolvente evidenciam o seu valor patrimonial e, com base no seu estado atual de conservação, a sua necessidade de ser conservada imediatamente, evitando colocar em causa os valores culturais associados a este testemunho do património.

Uma das primeiras etapas necessárias à salvaguarda deste testemunho patrimonial - e que está, inclusive, inserida como primeiro princípio presente na Lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural³² -, passa pelo registo integral e exaustivo de estruturas arqueológicas nas suas várias fases (pré, durante e pós escavação/intervenção)³³, para que se garanta um registo completo dos locais e se possa arquivar toda esta informação numa base de dados com os diversos levantamentos, criada com base nas potencialidades tecnológicas que atualmente são possíveis aplicar numa realidade arqueológica e de gestão de património. Este é um aspeto que, muitas vezes, falha ao longo das campanhas arqueológicas, sejam elas em meio rural ou em meio urbano (nomeadamente em acompanhamentos de obras urgentes), criando assim lacunas na organização e registo arqueológico e resultando numa má gestão do património português.

Tendo em conta outro dos princípios incluídos na Lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural – “c) Coordenação, articulando e compatibilizando o património cultural com as restantes políticas que se dirigem a idênticos ou conexos interesses públicos e privados, em especial as políticas de ordenamento do território, de ambiente, de educação e formação, de apoio à criação cultural e de turismo”³⁴ - seria vantajoso executar um roteiro de Património, onde se poderiam visitar diferentes locais com cronologias distintas com vista a formular um núcleo de aprendizagem sobre a História e a Arqueologia de Valverde e de Nossa Senhora da Tourega. Esta ideia iria impulsionar a criação cultural e de turismo, para além de contribuir para uma maior sensibilização da conservação destes monumentos, salvaguardando os seus elementos e evitando assim danos maiores ou, até, o seu abandono.

Apesar de intitulada de *villa* romana da Tourega, este sítio tem, apenas, o complexo termal a descoberto. Com a finalidade de contribuir para o estudo e salvaguarda das restantes estruturas, poderão ser aplicados outro tipo de medidas, não invasivas, como por exemplo a prospeção geofísica, utilizando o método GPR (*Ground Penetrating Radar*), como já

³⁰ DGPC – *Património Arqueológico*, [consult. Junho. 2023]. Disponível em <<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/patrimonio-arqueologico/>>.

³¹ Diário da República, 1.ª série-A – N.º 209 – Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro de 2001, p. 5811.

³² Diário da República, 1.ª série-A – N.º 209 – Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro de 2001.

³³ “A) Inventariação, assegurando-se o levantamento sistemático, atualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes com vista à respectiva identificação” – Diário da República, 1.ª série-A – N.º 209 – Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro de 2001, p. 5809.

³⁴ Diário da República, 1.ª série-A – N.º 209 – Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro de 2001, p. 5809.

foi feita numa parcela do sítio, por equipa maioritariamente estrangeira, no ano 2015³⁵. Este tipo de prospeção facilitaria a gestão do território e o planeamento de futuros impactos.

Considerações finais

Dadas as suas características e posição estratégica, a *villa* romana da Tourega constitui um dos elementos patrimoniais romanos de relevo e potencial arqueológico localizado nas imediações da cidade de Évora. O complexo termal da *villa*, cujas ruínas hoje conseguimos observar, tem dimensões consideráveis, o que, só por si, suscita especulações sobre as restantes estruturas que fariam parte desta *villa*, e que se encontrarão (ainda) soterradas.

A ruína e abandono total desta *villa*, que será das únicas (se não a única) *villae* que se encontra a descoberto no concelho de Évora, significa a total negligência e esquecimento de um elemento que pertence a uma rede de povoamento romano e que pode contribuir para o desenvolvimento da investigação deste período e da história deste sítio, não esquecendo que faz parte, desde sempre, de uma memória coletiva que deve ser preservada.

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de - **O Domínio Romano em Portugal**, Publicações Europa-América, 1988.

BILOU, Francisco – **O Sistema Viário Antigo na Região de Évora**, Lisboa: Editor Fernando Mão de Ferro, 1960.

CORREIA, A. M., MAILLOL, J. M., BERARD, B. - *A GPR Study in the Roman Villa of Tourega, Portugal*. (8th Congress of the Balkan Geophysical Society). Grécia: EAGE, 2015.

GRILO, Maria Ludovina - O Concelho de Évora nas Memórias Paroquiais de 1758 (Conclusão). **A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal**. Évora: Câmara Municipal de Évora. II Série, n.º 1 (1994-1995).

MANISOLA – **Notícia da Freguesia da Assumpção de Tourega, Termo de Évora, seu Distrito, e de tudo o mais que nele se contem**, Livraria de Manisola, 1736.

MASCARENHAS, José Manuel de, BARATA, Filipe Themudo - O Território de *Ebora*, e a Organização e Ordenamento da Paisagem Envolvente. **Paisagens arqueológicas a oeste de Évora**. Évora: Câmara Municipal de Évora / Divisão Cultural e Desportiva (1997).

MASCARENHAS, José Manuel, BARATA, Filipe Themudo - **Preservando a Memória do Território, o parque cultural de Tourega/Valverde**. Évora: CEEM, 2002.

PEREIRA, Gabriel - **Estudos eborenses**, II vol., 2ª edição, Évora: Edições Nazareth, 1948.

³⁵ CORREIA, A. M., MAILLOL, J. M., BERARD, B. - *A GPR Study in the Roman Villa of Tourega, Portugal*. (8th Congress of the Balkan Geophysical Society). Grécia: EAGE, 2015.

PINTO, Inês Vaz, VIEGAS, Catarina, DIAS, Luísa - A *villa* romana da Tourega: umas termas em ambiente rural. **Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora**. Évora: Câmara Municipal de Évora / Divisão Cultural e Desportiva (1997).

PINTO, Inês Vaz, VIEGAS, Catarina - *As termas da villa romana da Tourega (Évora, Portugal)*. Gijón, 2000. (Colóquio Internacional – Termas romanas en el Occidente del Imperio).

VASCONCELOS, J. Leite de - Excursão archeologica ao Sul de Portugal – Alcacer e arredores – Torrão – Alcáçovas – Evora e vizinhanças. **O Arqueólogo Português**. 1ª série, vol. IV (1898).

Documentos oficiais

Carta Militar Portuguesa, folha 459, escala 1:25 000.

Carta Geológica de Portugal, Folha 40-A, escala 1:50 000.

Diário da República, 1.ª série-A – N.º 209 – Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro de 2001.

Diário da República, 2.ª série – N.º 248 – Portaria n.º 740-CR/2012, de 24 de dezembro, [<https://dre.pt/application/dir/pdf2sdip/2012/12/248000001/0006600067.pdf>], consultado a junho de 2023.

Plano Director Municipal – Câmara Municipal de Évora – Estudos de caracterização do território – Anexo IV, dezembro 2007, Inventário do Património Arquitetónico e Arqueológico do Concelho.

Referências eletrónicas

DGPC – *Património Arqueológico*, [consult. Junho. 2023]. Disponível em <<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/patrimonio-arqueologico/>>.

Junta de Freguesia Nossa Senhora da Tourega - *N. Sr. da Tourega* [consult. Fev. 2023]. Disponível em <<http://www.evora.net/jfnstourega/historial.htm>>.

Portal do Arqueólogo - *Anta Grande do Zambujeiro* [consult. Fev. 2023]. Disponível em <<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=47550>>.

Portal do Arqueólogo - *Castelo do Giraldo* [consult. Fev. 2023]. Disponível em <<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57410>>.

Portal do Arqueólogo - *Fonte de Stª Comba* [consult. Fev. 2023]. Disponível em <<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2628803>>.

Portal do Arqueólogo - *Villa Romana da Tourega* [consult. Fev. 2023]. Disponível em <<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57789>>.

ORGANIZAÇÃO

